



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

Saber Cantar e Comunidade de Afetos: um debate sobre música entre os Calons

Autoria: Renan Jacinto Monteiro (CRIAS)

Neste work proponho uma discussão acerca da potência da música não só enquanto formadora de uma identidade masculina Calon como também enquanto formadora de um sentimento de ?comunidade?. Através de uma pesquisa etnográfica que foi realizada na Rua dos Ciganos, na Costa Norte da Paraíba, foi possível perceber o quanto a música permeava a construção de um perfil de masculinidade desejável entre os ciganos desta localidade. Por ser um importante elemento na construção desta masculinidade, o Saber Cantar se torna um dos saberes mais valorizados pelos próprios ciganos na Rua, trazendo prestígio e honra para aqueles que o tem. Desde os primeiros anos de vida, os meninos, majoritariamente, são incentivados a cantar e participar das rodas de cantoria que ocorrem na Rua. Geralmente sem hora e local marcado, as cantorias acontecem no ritmo da vida cotidiana e as crianças vão aprendendo a cantar enquanto praticam o próprio cantar. Mas é em momentos festivos, como festas de casamento, por exemplo, onde os Calon colocam a prova o seu Saber Cantar frente aos convidados da festa e os demais cantores que se apresentarão no palco instalado, em busca do prestígio de ser eleito pelo público como um ?bom? ou ?excelente? cantor. Embora nestes momentos a música acabe, algumas vezes, por inflamar certas rivalidades e criar tensões e conflitos indesejáveis, o que coloca a conformidade da festa em risco, em outros ela cria alianças fortes e reanima sentimentos de unidade e ?comunidade?. Nestes momentos, muito comuns nas festividades de final de ano, como natal e ano novo, a música é acionada como um elemento para unir as pessoas em torno de um sentimento que as faz sentir como integrantes de um grupo. Em todos esses momentos, no Saber Cantar e na própria formação de um sentimento de unidade, a performance tem grande relevância para fazer com que um cantor seja elogiado e reconhecido como um ?bom cantor?, como também para fazer com que as pessoas se sintam integrantes de um mesmo grupo Calon. Por último, vale ressaltar o quanto estar atento à música entre os Calon da Rua dos Ciganos é estar atento a questões de gênero, geração, política, honra, socialidade, etc.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: